Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte FSP
Data 12 11 2000 Pg A5
Class. 6044

Comunidade tem escola modelo

DA REPORTAGEM LOCAL

Só há uma criança em idade escolar fora da escola na terra indígena Xapecó, situada entre o cruzamento dos rios Chapecó e Chapecozinho, em Santa Catarina, onde vivem 4.400 índios da etnia caingangue, divididos em nove aldeias. Ele se chama Amarildo. Sua mãe tem o nome de Maria e ele não sabe o nome do pai. Amarildo provavelmente tem seis anos, não fala e, dizem, não escuta.

Na verdade, ele escuta, sim, e não fala porque precisa de um tratamento de fonoaudiologia, indisponível por lá. Mas Amarildo não sai da escola. Passa o dia numa instituição modelo, a Escola Indígena Básica Cacique Vanhre (responsável pela compra daquelas terras). É uma escola pública que deixa qualquer branco rubro de constrangimento, a primeira a manter ensino de segundo grau numa comunidade indígena.

A construção, projetada por um índio em forma de oca, tem espaço para 450 alunos. O ensino é bilíngue, em português e no idioma caingangue. Todos aprendem a arte indígena, fazem atividade física, comem merenda e têm acesso ao computador. Ninguém paga nada nem pelo material. A filosofia, explica a diretora, Eliane Trevisan Cassol, "é preparar o aluno índio como ser capacitado para, em pé de igualdade com o branco, não só defender seu direito como índio, mas também para ocupar sua posição na sociedade como cidadão brasileiro".

Os professores, brancos e índios, recebem um salário de R$ 330 por mês. São 16 salas e, no centro da oca, onde ficaria o líder, está a direção. O recado aos não-índios que está pendurado logo na entrada da escola define seus propósitos: "Com esta escola podemos ser o que vocês são sem deixarmos de ser índios".